

MOVIMENTO LITERÁRIO E MOVIMENTO DOS TRABALHADORES (1922)[1]

– HIRABAYASHI HATSUNOSUKE[2]

TRADUÇÃO POR FABIO POMPONIO SALDANHA, FELIPE CHAVES GONÇALVES PINTO E GUSTAVO PEREZ KATAGUE; REVISÃO DE JOÃO MARCELO A. R. MONZANI

1.

O movimento literário desde a era Meiji era uma disputa entre uma escola e outra. Isto é, uma disputa entre um grupo e outro, simplesmente reunidos por coisas como a personalidade, os gostos, os laços escolares antigos e as relações interpessoais de cada indivíduo. Os pontos de discussão limitavam-se principalmente às formas de representação, à estilística e, nos melhores casos, às formas de apreciação dos valores artísticos e às diferenças de concepções sobre a vida.

Ao menos no que diz respeito à sua essência, o recente movimento artístico de classes que busca ganhar espaço precisa ser um dos fenômenos, uma parte da batalha, uma das facetas da linha de frente da luta de classes. Isso quer dizer, assim, que não há chances de se estabelecer caso seja como um movimento teórico, como simples movimento literário. É algo que pode ser somente resolvido com o embate derradeiro entre as principais classes atuantes, a burguesia e o proletariado.

Limitar ao extremo a significância do Movimento Literário do Proletariado dessa forma provavelmente seria um desgosto para os estudiosos literários. Para aqueles que dedicam suas vidas à literatura, um movimento literário é absoluto em sua totalidade, e possivelmente digam que sua função não se limita a ter um papel na

[1] HIRABAYASHI, Hatsunosuke. “文藝運動と労働運動” (“*Bungēundōto rōdōundō*”). Disponível em <www.aozora.gr.jp/cards/000221/files/1860.html>. Acesso em 21 mar. 2022

[2] A transliteração de nomes japoneses segue a regra de escrita da língua de partida: sobrenome-nome. (N.T.)

linha de frente da luta de classes. Entretanto, esses não passam de cabeças-de-vento que, inconscientemente levados pelo ímpeto, mergulham no movimento sem por fim conseguir compreender o significado da arte de classes. Enquanto ainda há tempo, essas pessoas deveriam deixar de tomar posição nos cantos de uma luta de classes cruel e de aparência não muito agradável, jogando fora as amarras apertadas que são a classe social e subir no palco sempre ensolarado da arte propriamente dita.

Assim como elementos dissidentes se juntam em qualquer que seja o movimento, também no movimento artístico de classes os elementos dissidentes se reúnem e tentam utilizá-lo de forma predatória. Há quem tente sorrateiramente agir de má-fé escondido sob a bandeira da literatura de classes. Assim, inicialmente considerava-se que a questão da arte de classes era vista como um conflito entre escritores desconhecidos e escritores da moda. Na realidade, assim como patifes que detestam trabalhar, caloteiros e outros que se misturam dentro do movimento socialista, é fato que há também um bando daqueles que se jogam dentro do movimento de artes de classe sem compreenderem o básico das artes e da literatura e que, por dizerem não querer se tornar comerciantes assalariados demasiadamente sérios, nutrem uma enorme ambição de se tornarem escritores da moda, se fosse possível. O Movimento Literário do Proletariado deve responder, em primeiro lugar, às ambições egoístas dessas pessoas, não sendo um a se caracterizar por maldizer escritores da moda, tampouco destinado a advogar ou a impulsionar novos escritores anônimos. Não há espaço para a distinção entre famosos e anônimos, tampouco para o que está ou não na moda. Isso é disputa de classes. Um movimento proletário contrário à burguesia.

Além disso, o Movimento Literário do Proletariado deve ter em mente, em primeiro lugar, a articulação proletária em detrimento da caracterização artística, logo, seu maior foco deve continuar sendo as ambições proletárias, não a plataforma literária. A libertação do proletariado é a única ambição do movimento literário dessa classe. Tudo aquilo a ser ambicionado que estiver fora desse escopo deve, mais uma vez, se afastar do apoio ao movimento proletário e ir em direção às classes superiores. Somente aqueles a reconhecerem a luta de classes subsumida às disputas literárias, assim como a presença por trás da sombra e as raízes que sustentam os caules e folhas é que se tornarão soldados deste movimento artístico da luta de classes.

A batalha final da luta de classes será decidida somente pelo confronto de suas forças principais. O movimento literário é de total ineficácia caso não mantenha intrínseca relação com o movimento das massas do proletariado. O movimento que se separar das massas acabará se tornando somente um obstáculo, senão um esforço

simplesmente infrutífero. Entre os que se autodenominam soldados do movimento literário de classes, há os que, algumas vezes, confundem um movimento voltado ao bem da maioria com um aglomerado de lutas entre indivíduos. Estes estão convencidos de que há alguma significância em fazer oposição nos debates e maldizer escritores da moda. No entanto, da mesma forma como uma vitória trivial setorizada não é revertida em ganho ou perda na estrutura total, essa constatação é insuficiente. Mesmo com a classe dos escritores passando para o lado avesso ao proletariado, o movimento artístico dos trabalhadores está em pleno desenvolvimento, carregado cada vez mais de entusiasmo, até que as massas sejam libertadas de sua resignação burguesa. Até que a classe burguesa seja derrubada.

Em suma, o Movimento Literário do Proletariado não possui algo que possamos chamar de significado intrínseco a si. Ele só faz sentido em conjunto aos movimentos políticos e trabalhistas do proletariado. Aqueles que pensam que um movimento que só possui significância relativa não tem validade alguma são de mais valia nos movimentos literários puristas. Uma vez lá, que tentem matar deus. Que tentem apagar o sol.

O Movimento Literário do Proletariado não representa simplesmente uma batalha conceitual. Em seus bastidores, existe um confronto de interesses e um embate de poderes. Deste modo, esse movimento não é algo que possa ser resolvido com uma súbita mudança conceitual. O Movimento precisa passar por um longo período, nem um pouco glamoroso e de bastantes dificuldades. Não é como um corrida de maratona que acaba em meio à celebração de todos os espectadores, mas sim como uma viagem pela Sibéria em meio a neve, a caminhos tortuosos, a penúria e ao frio. O Movimento não é como uma corrida de maratona em que um prêmio aguarda os vencedores, mas sim como uma estrada em que você pode cair e perecer no meio do caminho. A única recompensa possível é a libertação da classe proletária. Aqueles que estão fartos destas dificuldades, aqueles que temem toda essa perseverança devem deixar as fileiras do Movimento Literário do Proletariado e rumar para os salões de esportes com suas cortinas vermelhas e brancas[3]. Lá encontrarão tanto uma multidão pronta para ovacioná-los, quanto, além disso, juvenzinhas.

O Movimento Literário do Proletariado não é determinado por preferências estéticas ou características próprias. Não precisamos nem mencionar que também não é algo que devemos confundir com caprichos momentâneos. O caminho a frente é tortuoso. O futuro reserva escuridão, espinhos e arames farpados. Além disso, não é um movimento aprazível. É mesmo uma espécie de movimento sem a força necessária para o embate final, um movimento de suporte, do tipo de contenda. Os que estão envolvidos neste Movimento não devem superestimar seus papéis.

[3] Expressão para indicar ambientes descontraídos e de comemoração. (N.T.)

Mas não é uma honra fazer parte do movimento do povo, do movimento dos oprimidos nem que seja somente como uma pequenina porção ou como parte das linhas de frente? Principalmente se for o caso de sermos estes últimos, haveria, por acaso, trabalho mais gratificante?

Junho do décimo primeiro ano da Era Taishō (1922)

HIRABAYASHI HATSUNOSUKE (平林初之輔 [1892-1931]) — Um dos primeiros a escrever obras que tivessem como base o materialismo dialético no Japão. Entre suas publicações, destacam-se 無産階級の文化 (*Musan kaikyū no bunka, A cultura da classe proletária*, 1923, coletânea de artigos) e 政治的価値と芸術的価値 (*Seijiteki kachi to geitsuteki kachi*, "Valores políticos e literários", ensaio de 1929). Formado em Waseda, faleceu em Paris.

FABIO POMPONIO SALDANHA — Discente no programa de Doutorado Direto em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (DTLLC-USP) e bolsista FAPESP (processo 2022/15480-7). Possui graduação em Letras - Japonês pela mesma universidade, tendo realizado intercâmbio na 愛知県立大学 (Aichi Prefectural University - APU).

FELIPE CHAVES GONÇALVES PINTO — Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Universidade de São Paulo (PPGLLCJ-USP).

GUSTAVO PEREZ KATAGUE — Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo (PPGLLCJ-USP). Possui graduação em Letras - Japonês pela mesma universidade, tendo realizado intercâmbio de pesquisa na Universidade de Osaka.

JOÃO MARCELO A. R. MONZANI — Professor do Curso de Japonês no Departamento de Línguas Orientais e Eslavas (DLOE), na Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista da Japan Foundation em Programa Sakura de treinamento para professores no Japanese-Language Institute, Urawa, Província de Saitama, Japão (2016). Doutor (2015) pelo Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com bolsa (de abril 2012 a março 2014) do Ministério da Cultura do Japão (MEXT) na Universidade de Osaka. É mestre (2011) em Letras pelo Programa de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e graduado (2007) em Letras (habilitação em Japonês e Português) ambos pela FFLCH-USP.